

## **Memórias do jornalismo impresso potiguar: a importância de Luiz Maria Alves para a história do Diário de Natal.<sup>1</sup>**

Cristina D'Oliveira Vidal BEZERRA<sup>2</sup>

Valquíria Aparecida Passos KNEIPP<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **Resumo**

Este artigo é um recorte da pesquisa realizada dentro do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Intencionamos contar um pouco da história do jornalista Luiz Maria Alves. O amazonense esteve por três décadas à frente da direção do Diário de Natal – periódico que circulou por 73 anos no estado do RN. Para isto, realizamos entrevistas com jornalistas que conviveram com Luiz Maria Alves na redação do DN e buscamos trazer um pouco das memórias do jornalismo impresso potiguar. Utilizamos como referenciais conceituais teóricos mídia, memória e história oral.

**Palavras-chave:** Diário de Natal; História do Jornalismo; Luiz Maria Alves; Memória do Jornalismo.

### **Introdução**

Dentro do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, nossos estudos intencionam registrar a memória do jornalismo potiguar ao focar na forma como o Diário de Natal tratou sobre a construção da Via Costeira<sup>4</sup>. A nossa pesquisa destaca como os fatos sobre a avenida foram noticiados pelo jornal Diário de Natal, de que forma questões ambientais foram relatadas e se isso resultou, se podemos observar algum reflexo na sociedade.

Trabalhamos com o pressuposto de que através da abordagem do Diário de Natal foram desenvolvidas novas práticas sociais – quando tratamos dos conceitos de preservação

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista graduada pela UFRN, mestranda do Programa de Pós Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e professora de graduação na Universidade Potiguar (UNP), email: cdvidal@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Jornalista graduada pela Unesp de Bauru, com mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, professora de graduação e pós-graduação na UFRN e vice-coordenadora do PPgEM, email: valquiriakneipp@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Avenida Senador Dinarte de Medeiros Mariz, localizada em Natal – Rio Grande do Norte, entre o Oceano Atlântico e as dunas do Parque das Dunas. Possui doze quilômetros de extensão e une a praia de Ponta Negra, na zona sul de Natal, às praias do Centro da capital potiguar.

ambiental, pouco difundidos à época – que mobilizaram não somente a população, mas também, provocaram a discussão na sociedade.

As polêmicas reportagens do Diário de Natal contribuíram para o debate através dos setores que poderiam ter alguma influência sobre o tema (administração municipal e estadual, legislativo e sociedade civil organizada), seja ouvindo os responsáveis como fonte, ou atuando ativamente, através da promoção de seminários e conferências visando colaborar com a preservação ambiental em Natal.

Feita esta breve introdução sobre nossa pesquisa, destacamos que para este artigo utilizamos um pequeno recorte sobre a memória do Diário de Natal. Nossa intenção é ressaltar a relevância de Luiz Maria Alves para o jornalismo do Rio Grande do Norte. Muitos atribuem a Alves esse papel importante e pioneirismo do Diário em discutir a cidade, a temática ambiental e a luta pela preservação, não só no episódio da Via Costeira, mas em outros que traremos neste artigo.

Podemos considerar este trabalho um levantamento da memória, onde tentamos destacar quem foi Luiz Maria Alves e qual a importância dele para o jornalismo impresso e por que não, para a história do jornalismo do Rio Grande do Norte.

Compactuamos com Barbosa (2005) nesta construção sobre a memória:

É preciso refazer o trajeto da memória rumo à história e buscar na memória as raízes da demanda histórica. Assim, os testemunhos interpretam o passado, que são evocados nos discursos que se constroem sobre ele e que são, ao mesmo tempo, reinterpretados ou reconfigurados pelo pesquisador... O que remonta o percurso ou melhor a correlação mídia e história, portanto, é a questão da memória, seja nos testemunhos, seja nos traços do passado que permanecem no presente. (BARBOSA, 2005, pag. 106)

Traremos aqui um pouco do perfil do amazonense que esteve por cerca de três décadas à frente do Diário de Natal. Para conhecer um pouco mais sobre Alves, recorreremos aos jornalistas que conviveram com ele na redação e na administração do Diário de Natal.

Através da história oral, a história do “tempo presente” e também reconhecida como “história viva” (BOM MEIHY, 2002, pág 17), trazemos também conteúdo trabalhado em entrevistas realizadas por nós e por outros autores.

Utilizaremos ainda os conceitos de Le Goff “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. (LE GOFF, 1990, pág. 411). Para este recorte, compactuamos com os conceitos do autor, da memória como instrumento para se contar a história que não foi registrada.

---

Buscamos aqui, de alguma forma contribuir para que se conheçam fatos que consideramos importantes para a memória do jornalismo impresso de Natal.

### **O Diário de Natal**

O Diário de Natal foi fundado em 1939 e ainda hoje é o jornal impresso que circulou por maior período na capital potiguar. A Tribuna do Norte<sup>5</sup> – durante muito tempo concorrente direta do Diário – completou em 2017 sessenta e sete anos de circulação.

Quando do seu fim, o Diário de Natal fazia parte do Grupo Diários Associados<sup>6</sup>. O periódico teve sua importância para a capital potiguar e para o Rio Grande do Norte, quer tenha sido enquanto meio de comunicação, como também como fonte para o registro dos fatos, para a história e memória potiguar. Em determinados momentos e episódios, também pode ser considerado agente ativo como influenciador de práticas sociais e mudanças na cidade.

Como citamos no início do artigo, buscamos através deste trazer um pouco das memórias sobre de Luiz Maria Alves, que fez parte da história do Diário de Natal, mas para isso, consideramos necessário contextualizar, ainda que superficialmente, a importância do DN no período em que circulou no Rio Grande do Norte.

O Diário de Natal foi fundado por um grupo formado por jovens idealistas: Djalma Maranhão, Rivaldo Carvalho, Romualdo Carvalho, Aderbal de França e Valdemar Araújo. O primeiro exemplar circulou em 18 de setembro de 1939. À época, Natal contava com dois jornais: “A Ordem” e “A República”.

A edição de 03/10/2012 do Novo Jornal<sup>7</sup> acrescenta que o periódico foi criado com o intuito de informar o potiguar sobre as notícias da II Guerra Mundial, com o objetivo de ser um porta-voz das forças aliadas, combatendo o nazi-fascismo e ser uma espécie de “porta-voz” do povo.

Naquela época, de acordo com Alves e Silva (2015), o chamado “O Diário” não tinha redação, maquinário ou sede. Os jovens fundadores utilizavam as instalações do Jornal A República, do Governo do Estado, para a impressão dos exemplares. Eles possuíam apenas o título registrado devidamente no Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP.

---

<sup>5</sup> Jornal impresso que atualmente continua em circulação no Rio Grande do Norte, fundado por Aluizio Alves em 24 de março de 1950.

<sup>6</sup> Grupo de Mídia fundado em 1924 por Assis Chateaubriand, um dos maiores conglomerados de mídia do Brasil.

<sup>7</sup> Jornal fundado por idealizado por Cassiano Arruda Câmara, em circulação na capital potiguar desde 17 de novembro de 2009.

A Natal de 1939 tinha cerca de 60 mil habitantes, que se informavam principalmente através das emissoras de rádio. Em 1942 o jornal foi vendido ao empresário Rui Moreira Paiva, devido às dificuldades financeiras. Mas o então “Diário” já havia conquistado uma boa aceitação por parte do público leitor.

Três anos depois, em 1945, o Diário de Natal foi comprado por Assis Chateaubriand para integrar a rede de jornais dos Diários Associados. Muitos atribuem a esse fato, o início da ascensão do Diário de Natal, que em março de 1947 passou a ter este nome. Antes, o periódico utilizava apenas o nome “Diário”.

Sob a superintendência de Edilson Varela, o Diário de Natal lançou em 1954 um outro jornal: O Poti. Este, circulava pela manhã enquanto o DN era vespertino. Em 1958 a edição matutina de O Poti passa a circular somente aos domingos e o Diário de Natal continuou circulando de segunda-feira a sábado.

Em maio de 1959 o jornal entrou em uma nova fase. Luiz Maria Alves assumiu a direção do Diário de Natal. Personagem principal deste artigo, que como já dissemos, tem destaque na história do DN por ter estado trinta anos à frente do periódico.

Vale registrar ainda que o Diário de Natal liderou o mercado potiguar por mais de 50 anos e foi campeão de vendas no Rio Grande do Norte por décadas. No período em que foi dirigido pelo jornalista Luiz Maria Alves, chegou a rodar aos domingos (na década de 1970) com mais de 30 mil exemplares.

Na edição em que abordou o fim da circulação impressa do Diário de Natal, o Novo Jornal registrou o pioneirismo do DN em momentos de sua história:

Além de formar gerações de jornalistas da imprensa local, o Diário, como era resumidamente chamado pelos leitores, também inovou em tecnologia. No Nordeste, foi o primeiro a imprimir pelo moderno sistema off set a partir de 13 de junho de 1970, aposentando os tipos móveis na época em que o chumbo imprimia as palavras. Somente uma década depois os outros jornais do RN adotariam o mesmo sistema. Foi pioneiro igualmente na informatização da redação e sistema de impressão. (Novo Jornal, 03/10/2012, p.3)

Depois de contextualizar sobre o início do Diário de Natal e sua importância para o Rio Grande do Norte, trazemos aqui uma breve abordagem sobre o declínio deste jornal, quando a partir de 2008 a direção nacional dos Diários Associados passou a interferir mais nos direcionamentos administrativos do periódico.

Em fevereiro de 2009 o DN iniciou uma reestruturação, quando a impressão passou a ser feita no estado de Pernambuco. Em março do mesmo ano, a direção da empresa formalizou a demissão da maior parte do quadro de redação e uma nova reestruturação

foi realizada: repórteres e chefes de reportagem ficavam em Natal e editores em Recife, para onde o material textual e fotográfico era enviado.

Outra mudança significativa foi a diminuição do tamanho do jornal. Deixou de ter o tradicional standard para o modelo berliner, menor. O jornal não era mais dividido em “cadernos” e as mudanças, de acordo com os profissionais que trabalhavam no periódico à época, provocaram uma “perda de identidade” do leitor com o Diário de Natal. Colunistas que fizeram parte do jornal por cerca de quatro décadas, como Cassiano Arruda Câmara e Paulo Macedo, foram demitidos.

No ano seguinte (2010), o DN mudou de endereço. Deixou a sede na Avenida Deodoro da Fonseca, em Petrópolis (Zona Leste de Natal) onde estava desde 1970, para um prédio em São Gonçalo do Amarante, na região metropolitana de Natal.

O dominical O Poti, que havia sido extinto em 2009, foi relançado em março de 2011, mas as tentativas de mudança de forma a reerguer o Diário de Natal parecem ter sido em vão.

Se o jornal em tempos áureos chegou a circular com trinta mil exemplares, na sua fase mais difícil, em 2012, esse número foi reduzido para seis mil exemplares durante a semana e sete mil no domingo.

O fim dessa história foi seco, sem despedidas. Na primeira página o comunicado estarreceu leitores, assinantes e o mercado da comunicação potiguar.

O Jornal Diário de Natal, a partir desta data, deixa de circular em sua versão impressa. De acordo com o programa de reestruturação das nossas atividades empresarias do Rio Grande do Norte, vamos priorizar e ampliar a nossa versão eletrônica. Nesse sentido, estamos dando mais ênfase à internet e também às rádios. Tal decisão aliás, se enquadra na tendência, de amplitude internacional, de se alargar, cada vez mais, as opções eletrônicas, graças aos formidáveis avanços tecnológicos. Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos nossos colaboradores, aos parceiros e ao povo potiguar pela atenção que têm dispensado aos nossos veículos, ao longo de muitos anos.

Natal, 02 de outubro de 2012

Diários e Emissoras Associados (DIÁRIO DE NATAL, 2012, pag. 1)

A jornalista Juliska Azevedo (Alves e Silva, 2015), que era responsável pela redação do Diário de Natal na capital potiguar, contou como soube do fim da edição impressa:

No dia que o Diário morreu, eu acordei peguei o meu celular, como a maioria das pessoas fazem quando acordam, e tinha uma mensagem de uma amiga que trabalha em TV e já estava logo cedo cobrindo a notícia para a televisão. Por volta das 6h30 da manhã eu recebo a mensagem: “Ju, como você está com isso que aconteceu com o Diário, que coisa chata. Tá tudo bem?” Eu gelei nesse momento. Vou para o Twitter e vejo as pessoas comentando que o Diário de Natal tinha um comunicado na capa informando que aquela era a última edição. Uma mensagem

---

que eu, que tinha sido responsável pela capa, não sabia que existia. Quando o jornal chegou em Recife eles colocaram essa mensagem na capa e encerraram o jornal dessa forma. (ALVES E SILVA, 2015, pag. 36 e 37)

A reação da então editora-executiva do Diário de Natal foi semelhante à de leitores, assinantes e do mercado local da comunicação. O fato repercutiu na imprensa especializada em todo país também, como abordou a edição do Novo Jornal do dia seguinte:

A direção do Diário de Natal, em Pernambuco, informou em nota na capa da edição de ontem, o fim da versão impressa; equipe da redação foi demitida e jornal resolveu manter somente a página na internet e as rádios; termo usado foi “reestruturação”. Ex-funcionários lembraram a trajetória do jornal que foi líder do mercado potiguar por mais de 50 anos; sites de comunicação registraram o encerramento das atividades e o tema dominou as redes sociais, com leitores lamentando o fim do periódico. (Novo Jornal, 03/10/2012, p.1)

O fim do Diário de Natal ainda hoje é considerado por muitos jornalistas e formadores de opinião um “cadáver insepulto”. O jornal que na época em que a televisão ainda não era o meio de comunicação mais popular, ocupava a função de informar e por que não, instruir público natalense e potiguar ainda hoje é lembrado pela lacuna que deixou no jornalismo impresso do Rio Grande do Norte.

### **Luiz Maria Alves: o jornalista.**

Nas pesquisas e entrevistas realizadas no âmbito do PPgEM, percebemos que abordar a história do Diário de Natal nos obriga a falar também sobre aquele que esteve durante trinta anos à frente da direção do jornal: Luiz Maria Alves.

Reforçando o que trouxemos na introdução, buscamos um perfil descritivo, baseado principalmente nos relatos dos jornalistas que trabalharam e conviveram com “Seu Alves” na redação do Diário de Natal durante o período do recorte histórico de nossa pesquisa.

Tentamos esclarecer quem foi Luiz Maria Alves, seu pioneirismo na abordagem de temas relacionados ao meio ambiente e a importância da atuação do jornalista à frente do Diário de Natal para a linha editorial do periódico e no que está relacionado a nosso estudo, para a criação do Parque das Dunas.

O fato de existir poucas publicações sobre o amazonense direcionou nosso embasamento às entrevistas e relatos de jornalistas à época. Longe de tentarmos escrever uma biografia sobre Luiz Maria Alves, consideramos importante explicar quem foi esse homem, sua formação e como esteve durante tanto tempo no comando do Diário de Natal.

No acervo digital da Fundação José Augusto<sup>8</sup> o registro de que o amazonense Luiz Maria Alves nasceu em 31 de maio de 1908 no Seringal Bom Futuro, localizado no município de Manicoré, região Norte do Brasil.

A pesquisadora Rejane Cardoso reconta parte da história de Luiz Maria Alves na publicação “400 nomes de Natal” (2000).

Alves era filho de família rica, proprietária de seringais, remanescente da aristocracia da borracha no Pará, onde se deu sua formação. Com a queda da borracha devido ao investimento inglês, a família empobreceu e Luiz Maria Alves precisou procurar emprego.

Chegou a passar fome com a falência dos negócios do pai: "façam economia, o dinheiro está se acabando!", alertava sua mãe – conta ele –, enquanto consumiam as últimas reservas, depois empenhando as jóias, até que um dia ela falou: "amanhã não teremos dinheiro para o mercado". Não acreditaram, ele e os irmãos. No dia seguinte, após brincarem como de costume, retornaram a casa e se depararam com a dura realidade: "as caçarolas luzindo, dependuradas sobre o fogão, e este, sem cinzas, enxuto. Afinal, a fome!" (ALVES, Luiz Maria. De Telegrafista da Western a Diretor de Jornal. Diário de Natal, Natal, 27 nov. 1984 *apud* Acervo Digital FJA, pág 1 - acesso em 12 de julho de 2017).

Aos catorze anos, pós submeter-se a um teste, foi contratado pela *Western Telegraph*, em 1922. Dominando o código Morse, foi promovido a telegrafista e passou a sustentar a casa.

Apesar de ter sido aprovado em dois vestibulares, um em Odontologia e outro em Agronomia, nunca chegou a frequentar os cursos. Compensou a falta de um diploma de nível superior com muita leitura.

Assumi funções mais importantes, então, na Western Telegraph Company, empresa que contou com o seu concurso quando da implantação da estação em Natal (fevereiro, 1939), poucos dias após sua chegada a esta Capital, onde deveria permanecer por dois anos. Foi ficando, porém; fez amigos, apegou-se à cidade simples e ordeira.  
Acervo Digital FJA (pág 1. Acesso em 12 de julho de 2017)

A companhia telegráfica foi inaugurada na capital potiguar em fevereiro de 1939. Em setembro do mesmo ano teve início a II Guerra Mundial. Luiz Maria Alves começou a trabalhar no Diário de Natal no fim da guerra. Quando o jornal contratou a *United Press*, passou a ser repórter de política. Isso porque devido ao emprego anterior, Alves tinha fluência em inglês.

---

<sup>8</sup> Órgão público equivalente à Secretaria Estadual de Cultura do RN.



Vicente Serejo, que foi editor do Diário de Natal, cita (Serejo, 2013) a insônia que Luiz Maria Alves acabou desenvolvendo devido às noites em claro nos plantões como telegrafista. E a leitura foi sua companheira.

Assumi a direção do Diário de Natal em 1958, quando o então diretor, Edilson Varela foi transferido pelos Diários Associados para fundar o Correio Braziliense na capital federal.

Alves recebeu uma empresa cheia de débitos e aplicou conhecimentos adquiridos na *Western* em Belém no período da depressão. Enxugou o quadro de funcionários e chegou a empenhar economias pessoais para reerguer a filial potiguar dos Diários Associados. "Quando assumi, verifiquei que a receita bruta do Diário de Natal e da Rádio Poti era inferior à rubrica de salários. Apontei: o mal está aqui! (ALVES, Luiz Maria. De Telegrafista da Western a Diretor de Jornal. Diário de Natal, 27 nov. 1984 *apud* Acervo Digital FJA - acesso em 12 de julho de 2017).

Na época, a empresa publicava dois jornais: o matutino "O Poti" e o vespertino "Diário de Natal". Optou pelo mais antigo e transformou O Poti num semanário que circulava aos domingos.

Em nossa pesquisa, ouvimos jornalistas que vivenciaram o período em que Alves administrou o Diário de Natal. Ele é citado sempre como uma figura controversa e muito inteligente. Mais do que admirado, Alves também era temido. Arruda Câmara (2016) relata: "Alves foi o mais genial, o mais cerebral, o mais competente diretor de jornal que passou pelo Rio Grande do Norte".

Um dos feitos de Luiz Maria Alves que é apontado como justificativa para um homem visionário e de tino administrativo pelos então colegas de redação, é a implantação do sistema de impressão *offset*, o primeiro periódico do Nordeste a fazer a mudança, que teve resultados considerados altamente positivos.

Foi durante a administração de Luiz Maria Alves, em 02 de novembro de 1958, que O POTI passa a circular somente aos domingos. O Diário de Natal por sua vez continuou circulando de segunda-feira ao sábado. Uma mudança significativa acontece em 1967, quando o jornalista Dorian Jorge Freire, então chefe de redação, implantou a técnica de diagramação, uma inovação para a época. Do ponto de vista gráfico, o jornalista Luiz Maria Alves iniciou a década de 70 fazendo uma verdadeira revolução no Diário de Natal, com a introdução do sistema "Off-Set" de impressão, que na época era a tecnologia mais avançada disponível no Brasil. A inauguração oficial do novo sistema de impressão ocorreu em 12 de junho de 1970. Acervo Digital FJA (pág 1. Acesso em 12 de julho de 2017)



Consta ainda que reestruturou toda a organização, modernizando-a, agilizando os setores comercial, de reportagens e de distribuição. Foi pioneiro também – dentre os jornais do Estado – posteriormente, na instalação de um setor de documentação (microfilmagem, indexação e preservação da memória estadual).

O resultado positivo nas finanças do DN é apontado inclusive, como a garantia para permanência de Alves à frente do Diário de Natal por tanto tempo. O equilíbrio econômico e os lucros eram levados em consideração quando se tinha alguma pressão política por insatisfação com os rumos editoriais que a publicação tomava.

Mas se era considerado um “visionário”, Luiz Maria Alves também tinha como traço marcante a personalidade forte e o temperamento difícil. O jornalista Cassiano Arruda Câmara, que também foi editor do jornal dirigido por Alves, relembra na parede da redação do Novo Jornal, periódico do qual foi sócio-diretor, uma citação dita com frequência por Luiz Maria Alves “O jornal não é guardião da honra de ninguém”. Arruda ainda citou em nossa entrevista outra frase atribuída a Alves: “não existem ódios eternos nem amores permanentes”.

À frente do Diário de Natal, Luiz Maria Alves é lembrado também pelas várias batalhas em prol da luta ambiental e defesa de temas que considerasse interessantes à sociedade. Ele “abriu” espaço no jornal para reportagens voltadas para temática ambiental, de forma inédita. Na época, temas políticos dominavam as capas de jornais e a temática ambiental ainda era secundária no Brasil, isso quando existente nas pautas de jornais.

Citamos como primeiro exemplo, o episódio do recorte de nossa pesquisa, a construção da Via Costeira. Entre os anos de 1975 e 1979, quando Vauban Bezerra<sup>9</sup> foi prefeito de Natal e Tarcísio Maia<sup>10</sup>, governador do Estado, e posteriormente no governo Lavoisier Maia<sup>11</sup>, a obra da avenida foi levada à discussão junto à sociedade. O projeto inicial previa construções de unidades habitacionais no espaço que hoje é protegido pelo Parque das Dunas<sup>12</sup>. Em 1995 (ano em que Luiz Maria Alves faleceu), através da Lei Ordinária 6.789 (14/07/1995), o Parque Estadual Dunas de Natal, recebeu o complemento de “Jornalista Luiz Maria Alves”.

---

<sup>9</sup> Engenheiro, foi prefeito de Natal de 1975 a 1978 por indicação do então Governador do Rio Grande do Norte, Tarcísio Mariz Maia e eleição indireta na Câmara Municipal.

<sup>10</sup> Médico, foi deputado federal e governador do Estado do Rio Grande do Norte de 1975 a 1979.

<sup>11</sup> Médico, foi deputado estadual, deputado federal e governador do Estado do Rio Grande do Norte.

<sup>12</sup> O Parque Estadual das Dunas de Natal foi criado através do Decreto Estadual número 7.237 de 22/11/1977. Foi a primeira Unidade de Conservação Ambiental implantada no Rio Grande do Norte (Brasil). É considerado o maior parque urbano sobre dunas do Brasil.

Outro caso em que podemos falar da contribuição do Diário de Natal na preservação ambiental e principalmente no “direito à paisagem” é no que hoje é conhecida como área *Non Aedificandi* em Ponta Negra, praia urbana da zona sul da capital. Um decreto municipal proibiu construções à margem esquerda da avenida Engenheiro Roberto Freire e do local hoje é possível visualizar o Morro do Careca, um dos principais cartões postais de Natal. A proibição se deu depois de uma série de reportagens do Diário de Natal, muitas delas idealizadas por Luiz Maria Alves.

Em Areia Preta, outra praia urbana da capital potiguar, a discussão em torno da preservação da paisagem também contou com o apoio do Diário. O então clube da CAERN (Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte), na zona Leste da cidade, seria demolido para construção de edifícios. Um decreto governamental transformou o local em área de preservação, garantindo “o direito à paisagem” num dos pontos mais admirados por natalenses e turistas que visitam a capital potiguar. Neste caso, trata-se da área do alto da Avenida Getúlio Vargas e da Ladeira do Sol, a partir da qual se tem uma visão panorâmica da praia.

Depois de traçar esse perfil, podemos ressaltar aqui, como uma observação feita ao longo das entrevistas (2013) com os jornalistas Cassiano Arruda Câmara e Vicente Serejo que conviveram com Luiz Maria Alves na redação do Diário de Natal. Ambos demonstraram uma grande admiração pela figura do diretor. Atribuem tais qualidades e características de Alves ao interesse e acesso que teve à leitura. Publicações americanas e inglesas que fizeram Alves ter, de acordo com eles, uma visão de mundo diferente.

Tanto Arruda Câmara (2013) quanto Serejo (2013) apontam essa “visão de mundo diferente” como o motivo da preocupação de Luiz Maria Alves com o meio ambiente e a preservação ambiental. Isso numa época em que tais conceitos não eram tão difundidos no Brasil, mas que já eram tratados nos Estados Unidos e Inglaterra. Os jornalistas que entrevistamos relembram a preocupação de Alves com o “direito à paisagem”. Vicente Serejo acrescenta que em outras partes do mundo, o conceito já era adotado, como por exemplo na Casa Branca (Washington DC, EUA) e na Torre Eiffel (Paris, França) e complementa “nesses lugares, não se pode construir nada que rivalize com esses monumentos” (Serejo, 2013).

Voltando à história de Luiz Maria Alves, ele foi proclamado em 1978 como suplente do senador Dinarte Mariz pela ARENA, e em 1986 ocupou a suplência do também senador Lavoisier Maia.

Alves esteve à frente do Diário de Natal até o ano de 1989. Ao deixar o DN, com os recursos da indenização recebida instalou um jornal que não foi adiante. Morreu em 19 de abril de 1995. O Estado decretou luto oficial de três dias.

### **Considerações finais**

O Diário de Natal acompanhou momentos marcantes da história da cidade do Natal e do Rio Grande do Norte e por que não dizer, conforme podemos observar em nossos estudos no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, contribuiu ativamente para o surgimento de novas práticas sociais.

O jornal que durante setenta e três anos registrou fatos, fez história e formou a opinião do público leitor do Rio Grande do Norte teve um fim melancólico. Foi sendo diminuído até acabar. Teve em sua história, a figura de um homem polêmico que também nunca se preocupou em ser unanimidade. Luiz Maria Alves é considerado personagem importante não só para o Diário de Natal, mas para o jornalismo impresso potiguar e para a preservação ambiental e o direito à paisagem na capital potiguar.

Destacamos que este artigo, recorte da nossa pesquisa, intenciona contribuir com temas importantes para a história de Natal e da memória do jornalismo impresso potiguar, para a preservação dessa memória. Compartilhamos mais uma vez com as ideias de Barbosa (2005):

Toda a conceituação realizada em torno da questão da memória se configura extremamente importante para os pesquisadores de comunicação. Não apenas por que a mídia trabalha quotidianamente com a dialética fundamental da memória, lembrança e esquecimento, mas por que ao selecionar o que deve ser notícia e o que vai ser esquecido, ao valorizar alguns elementos em detrimento de outros, os meios de comunicação reconstroem de maneira seletiva o presente, construindo hoje a história desse presente e fixando para o futuro o que se deve ser lembrado e o que precisa ser esquecido. (BARBOSA, 2005, pag. 108)

O fechamento do Diário de Natal reforça a relevância de nossa pesquisa que pretende recontar um capítulo da história da capital potiguar através da mídia.

Tentamos aqui, colaborar para o interesse da comunidade acadêmica sobre este tema, sem fechar o assunto, mas continuar realizando estudos que possam trazer a memória e consequentemente auxiliar para contar essa história.

Ao se reconstruir no presente, a partir dos rastros que o passado deixou como marca, coloca-se também em cena a questão memorável. Haverá sempre algo esquecido e algo lembrado nesse passado reatualizado. Mais do que a questão do objeto memorável, há que se pensar, pois, na dimensão do esquecimento que essas emissões evocam. (BARBOSA, 2008, pag. 94)

Defendemos fortemente que este tema, a história de Luiz Maria Alves merece ser aprofundada, contada e apresentado não só aos interessados em pesquisar o tema, mas também à sociedade. “Cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica”. (Le GOFF, 1990, pág. 411)

Finalizamos ressaltando a pertinência desta pesquisa não só para a comunidade acadêmica, mas para aqueles que se interessam em estudar a história e a memória do jornalismo impresso e dos meios de comunicação no Rio Grande do Norte.

### Referências bibliográficas

Acervo Digital da Fundação José Augusto

<[http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria\\_extraordinaria\\_de\\_cultura/DOC/DOC000000000114935.PDF](http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria_extraordinaria_de_cultura/DOC/DOC000000000114935.PDF)> acesso em 12 de julho de 2017.

ALVES, Emmerson; SILVA, Rayssa. **O jornal Diário de Natal em depoimentos (2009 - 2012): avanços, recuos e declínio**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Potiguar.

BARBOSA, Marialva; BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia, organizadores; Aluizio R. Trinta ... [et al.] – **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom 2005.

CÂMARA, Cassiano Arruda. Entrevista concedida a Cristina D’Oliveira Vidal Bezerra em 08 de maio de 2013 e 23 de novembro de 2016.

DIÁRIO DE NATAL, edição de 02 de outubro de 2012.

GOMES, Vicente Alberto Serejo. Entrevista concedida a Cristina D’Oliveira Vidal Bezerra em 12 de maio de 2013.

LE GOFF, Jacques, 1924 **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

NOVO JORNAL, edição de 03 de outubro de 2012.

Portal Imprensa

<[http://www.portalimprensa.com.br/content\\_file\\_storage/2012/10/02/diariodenatal.jpg](http://www.portalimprensa.com.br/content_file_storage/2012/10/02/diariodenatal.jpg)> acesso em 23 de abril de 2017.

RIBEIRO, Ana P. G.; HERSCHMANN, Micael, organizadores; Alzira Alves de Abreu ... [et al.] – **Comunicação e História ; interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro : Mauad X ; Globo Universidade, 2008.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.